

POLIANA TRAVAGLIA

A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE DISCIPLINAR NA PERSPECTIVA DE
FOUCAULT

CURITIBA

2011

POLIANA TRAVAGLIA

A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE DISCIPLINAR NA PERSPECTIVA DE
FOUCAULT

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de especialista no Curso de Pós-Graduação em Filosofia da Educação do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.
Orientador: Prof. Dr. Gelson João Tesser

CURITIBA

2011

TERMO DE APROVAÇÃO

A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE DISCIPLINAR NA PERSPECTIVA DE FOUCAULT

Por

POLIANA TRAVAGLIA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Filosofia da Educação do Setor de Educação da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista, sob avaliação da seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Geraldo Horn
Departamento de Educação, UFPR

Prof. Dr. Délcio Junkes
Departamento de Educação, UFPR

Orientador:

Prof. Dr. Gelson João Tesser
Departamento de Educação, UFPR

Curitiba, 11 de janeiro 2012
AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, àquelas pessoas que me impulsionaram a me inscrever no processo de seleção para o curso de pós-graduação em Filosofia da Educação – ética, política e educação, o qual agora concluo com este trabalho monográfico, sejam elas minhas amigas Cathiane Simões Kaminski, Fabiola Ançay e meu esposo Gilmar Simões de Oliveira.

Agradeço, também, a todos os professores deste curso pela qualidade das aulas, pela forma como as ministraram e por sempre se manterem abertos aos questionamentos.

À Coordenadora do Curso Prof. Dra. Karen Franklin, por ter compreendido as complicações trazidas pela gravidez no período final deste curso, e por toda a dedicação e disposição para redimir dúvidas, seja sobre suas disciplinas, seja sobre burocracias referentes à Coordenação.

Ao Prof. Dr. Gelson João Tesser, orientador desse trabalho, por ter sido paciente com todas as intempéries enfrentadas por mim durante a elaboração deste material e ter orientado de forma tão atenciosa.

... são os discursos eles mesmos que exercem seu próprio controle;
procedimentos que funcionam, sobretudo, a título de princípios de
classificação, de ordenação, de distribuição, como se tratasse, desta vez, de
submeter outra dimensão do discurso: a do acontecimento e do acaso.

(FOUCAULT)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é entender a educação na sociedade contemporânea a partir da perspectiva de Foucault. Para tanto visualizaremos uma arqueologia do saber através da obra de Foucault, ou seja, uma análise de como os saberes se consolidam em diversos momentos históricos. Também alçaremos análise sobre como o poder atua na educação e quais são seus dispositivos, abordagem da escola como espaço de aplicação do poder no universo disciplinar. Todo esse percurso tem como objetivo demonstrar que o sujeito é determinado pela sociedade e que isso começa na educação, pois é o primeiro contato do sujeito com uma instituição e o mais longo. Além de questionar o papel de uma disciplina como a Filosofia inserida nesse contexto.

PALAVRAS CHAVE: Educação, Sujeito, Foucault.

SUMARIO

INTRODUÇÃO	7
1 A RELAÇÃO SABER-PODER E SUA ARQUEOLOGIA NA EDUCAÇÃO 9	
2 OS DISPOSITIVOS DO PODER/SABER NO UNIVERSO ESCOLAR	13
3 O PERFIL DOS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO A PARTIR DA ÓTICA DE FOUCAULT.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS.....	27

INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico é dedicado a uma investigação sobre como a educação atua na sociedade disciplinar. Quais são as disposições por onde ela passa, o que ela pretende em discurso e qual resultado atinge. Todos esses pontos de investigação estão baseados na obra do Filósofo francês Michel Foucault, a partir de seu entendimento sobre a sociedade disciplinar, de como se dá a educação frente a essa conjectura e de quais dispositivos ela se utiliza.

Para alcançar tais questões o trabalho foi dividido em três partes: a primeira parte, intitulada “A Relação Saber/Poder e sua Arqueologia na Educação”, traz o olhar de Foucault sobre a questão do saber/poder e como isso se aplica à educação. Traz um foco especial sobre a questão da valorização de saberes fechados, com um ponto determinado de partida e de chegada, no qual não são possíveis muitas indagações, verificando como isso atravança a criatividade e a possibilidade de questionamentos por parte daqueles que estão em busca do saber. Ou seja, os saberes estão dados, assim como os questionamentos sobre eles e as respostas a esses questionamentos. Porém, estes saberes estão sendo constantemente modificados e atualizados, com o intuito de atender as necessidades da sociedade. Por esse motivo somos movidos pela noção de que o bom profissional é aquele que está constantemente se atualizando, quando na verdade deveríamos valorizar os indivíduos pelo diferencial intelectual, por serem capazes de questionar sua realidade. Toda essa conjectura de saberes institucionalizados é mantida pela sociedade disciplinar para atender suas próprias necessidades e, são essas necessidades, que a educação vem atendendo. Pois segundo Foucault “a sociedade contemporânea é uma sociedade disciplinar” (FOUCAULT, 1999, p 79).

A segunda parte, intitulada “Os Dispositivos do poder/saber no Universo Escolar”, se propõe a identificar os dispositivos de poder que a escola se utiliza na transmissão dos saberes e na classificação dos saberes a serem transmitidos, visto que a escola é um espaço de vigilância e disciplina. Sendo a escola uma instituição que se propõe à formação dos indivíduos que irão atuar na sociedade, que tipo de discurso ela se utiliza nessa formação? O discurso

que interessa para o mercado naquele determinado momento. Como essa instituição se utiliza da disciplina no processo de objetivação do corpo, fazendo que esses se tornem fáceis de manipular e normalizar, ou seja, todos são tratados a partir de um padrão proposto, justamente pelas relações de poder, um poder invisível como proposto no “panoptismo”, uma forma de vigilância velada que impregna no sujeito uma espécie de medo que restringe suas próprias ações.

A terceira e última parte encarrega-se de identificar o tipo de sujeito que a educação está formando, trazendo por título “O Perfil dos Sujeitos da Educação” a partir da ótica de Foucault. Sendo que o sujeito é construído e determinado, tal determinação se dá através de discursos. E como a Filosofia se enquadra nessa formação? Há espaço para os discursos da Filosofia frente ao caráter mercadológico que a educação tem de cumprir na formação do sujeito?

1 A RELAÇÃO SABER-PODER E SUA ARQUEOLOGIA NA EDUCAÇÃO

A partir da afirmação Foucaultiana de que o saber é um mecanismo do poder e que, é através dos saberes que o poder transita, podemos inferir que a relação entre saber e poder terá sempre como viés o próprio poder, visto que na medida em que os saberes se acumulam mais fortes se tornam a relação de poder daquele que detém o saber, para com aqueles que buscam esse saber. O próprio Foucault afirma que onde há saber haverá necessariamente poder, por conta dessa relação de dependência de quem busca para com quem detém os saberes. Na medida em que os saberes se acumulam, essa relação se fortalece, ou seja, o poder se fortalece numa relação bilateral. Nesse sentido podemos afirmar que a sociedade, como um todo, está pautada sobre esse conceito. Sendo assim, a educação não poderia ficar de fora desse esquema proposto por Foucault.

Ao mesmo passo que para Foucault há esse movimento do poder, ele não entende o saber como uma faculdade humana, mas sim como a estrada por onde o poder transita, uma construção histórica, um saber de verdades produzidas e não escondidas aguardando que os sujeitos as encontre. Os saberes nada mais são do que uma infinidade de discursos produzidos pelos sujeitos e direcionados a eles.

Toda a sociedade está envolta nessa rede de saber/poder e é na sociedade contemporânea que o poder assume sua forma mais “mascarada” de exercício, pois acreditamos ser livres, mas somos sujeitos fabricados. Todo o saber de nossa sociedade é institucionalizado, tem seu fim apontado para a produção, é quase uma relação servil da qual nos orgulhamos. Na sociedade atual a maior honra está em possuir títulos, e o que são esses títulos? Nada mais do que a pura expressão de que somos determinados por aquilo que sabemos e também “premiados” por isso. As profissões com maior apelo científico, ou melhor, aquelas profissões pautadas em saberes já constituídos são mais valorizadas e, suas bases são mercadológicas, e não intelectuais.

Vivemos na era do saber institucionalizado, buscamos saber o que é conveniente para a manutenção de nossa sociedade, ou seja, se busca aquilo para o qual a sociedade dá maior valor. E a sociedade valoriza aqueles

saberes mais herméticos, nos quais não há muita possibilidade de indagações, questionamentos. Questiona-se na medida do que já está proposto, daquilo que já foi planejado, e as respostas estão prontas, como em uma prova de múltipla escolha, onde há somente uma resposta correta, um gabarito pré-determinado. É a era do saber pelo saber e não do saber pelo pensar. A era onde se troca e se repassa informação.

Pensar a relação saber, poder e educação pressupõe retomar alguns dados sobre os saberes, os sujeitos envolvidos no processo, além de datar esses dados. E é nas linhas de “A Arqueologia do Saber” que Foucault traz grandes contribuições para tal empreitada. Nessa obra ele propõe que a história é arqueológica, sendo assim temos uma valorização das práticas discursivas em lugar dos saberes, e denomina-as de *episteme*, que nada mais seria que

o conjunto das relações que podem unir, em uma dada época, as práticas discursivas que dão lugar a figuras epistemológicas, a ciências, eventualmente a sistemas formalizados; o modo segundo o qual, em cada uma dessas formações discursivas, se situam e se realizam as passagens à epistemologização, à cientificidade, à formalização; a repartição desses limiares que podem coincidir, ser subordinados uns aos outros, ou estar defasados no tempo; as relações laterais que podem existir entre figuras epistemológicas ou ciências, na medida em que se prendam a práticas discursivas vizinhas mas distintas. (FOUCAULT, 2008, 214)

Foucault complementa a ideia de *episteme* dizendo que ela não se trata de uma forma de conhecimento, nem um tipo de racionalidade. Trata-se de um conjunto de relações de uma determinada época que são determinadas conforme as “regularidades discursivas”. Em outras palavras, o que ele chama de *episteme* nada mais é que a diversidade de “saberes” de uma determinada época que mantém cada um, seu próprio discurso, ou seja, seria a relação da arqueologia com o percurso das ideias e com a própria história, abrindo um leque infinito de possibilidades. E não se pode descolar dessa ideia a questão da educação, pois ela está relacionada diretamente a essas diversas possibilidades que a *episteme* desdobra. Pois é, a partir da educação, que esta se relaciona com o grande público de forma mais direta. É onde os discursos se colocam tendo em vista uma prática possível, onde a relação de saber/poder passa por esses diversos discursos.

As diversas disciplinas ministradas na escola carregam consigo o status de ciência, visto que possuem um método; e saber já que são acompanhadas de um discurso próprio. Claramente, na educação, a característica discursiva das disciplinas é evidenciada, ou seja, as aulas são, em sua maioria, expositivas. Mas, em contrapartida, aquelas disciplinas que têm como característica principal justamente a teoria, aquelas que não são consideradas como ciências pelo senso comum, são menosprezadas em relação àquelas que possuem status de ciência. E isso se dá devido àquela característica de saberes institucionalizados já mencionados anteriormente, ou seja, as disciplinas mais valorizadas são aquelas com maior apelo “científico”, já que é essa característica que a sociedade valoriza.

O próprio Foucault coloca que a racionalidade, a noção de homem e as ciências, estão em constante movimento já que são intimamente relacionadas ao momento histórico no qual estão ocorrendo, ou seja, são móveis, assim como seus objetos. A razão está sempre apontando seu foco para coisas distintas. A noção de homem está sempre sendo modificada pelo momento histórico, pela própria razão que acaba por entender o homem sempre de forma distinta de uma anterior - não que isso implique necessariamente em evolução – e aquilo que se entende por ciência está sempre se modificando, assim como seus objetos de estudo. O que acaba tendo um relevante impacto na educação, que estará sempre acompanhando tais transformações, pois não poderia ficar estagnada ou perderia a razão de ser. Como o currículo que está sempre se adaptando às necessidades da sociedade, por exemplo: havia uma época, na qual nas escolas eram ministradas aulas de trabalhos manuais (costura para as meninas e para os meninos carpintaria, por exemplo), pois nessa época era extremamente valorizada tal técnica.

Os saberes da educação são necessariamente mercadológicos, tendo que atender aquele momento histórico, dessa forma os saberes da escola estão sempre no limiar daquilo que a sociedade precisa. Estamos tratando com as “verdades” de uma época, produzidas por aquele momento histórico e, portanto, com os saberes produzidos e relevantes frente a essas “verdades”.

Sendo assim, a cada época a educação está apontada para as especificidades de seu tempo, seu lugar na história, os saberes estão conforme essas especificidades. A educação prepara o sujeito para aquele determinado

momento, por esse motivo tanto se fala em atualização profissional, em todas as áreas. O processo de educação tem começo, mas devido a essa configuração não podemos determinar um ponto final, mas um fim em si mesmo, o de estar sempre apto para o seu tempo.

Sempre em vista de uma verdade que pode ser muito diferente de uma anterior e de uma posterior, o saber, pode se afirmar que, não é nem objetivo e nem subjetivo, é prático. Pois tudo que gera saber é aquilo que imprime no homem um ser. O ser da medicina, o ser da biologia, o ser da filosofia; são estes que vão determinar o homem de cada época, pra onde a educação estará apontando. Essa mira tem como alvo as relações de saber/poder dispostas no determinado período. Pode-se alterar o momento histórico, as verdades e os saberes, mas as relações de poder na modernidade sempre estão dispostas da mesma forma, será sempre o poder disciplinar determinando o tipo de sujeito que interessa para a sociedade.

O poder disciplinar está presente até quando parece que não há disciplina alguma, a atual “anarquia” que vivemos na sociedade escolar também reflete interesses da conjectura do poder disciplinar. O interesse agora é fazer com que os sujeitos acreditem que são livres, partindo do pressuposto de que liberdade é fazer tudo aquilo que servir a interesses egoístas. Com a máxima de que a educação é para todos, criou-se um novo tipo de “clientela”, que muitas vezes não está interessada na educação formal, mas é jogada na escola sem ter muita noção do que se busca nesse ambiente que ainda, de certa forma, continua sendo um ambiente de controle dos corpos. Um local de exercício do poder disciplinar.

2 OS DISPOSITIVOS DO PODER/SABER NO UNIVERSO ESCOLAR

Segundo Foucault, “poder não é uma instituição, nem uma estrutura, não é uma potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada.” (FOUCAULT, 2006, 103). Para ele o poder não é algo que possa ser adquirido, pois está presente na sociedade como um todo, ela é seu campo de atuação, e essa se dá por meio das relações humanas que têm por natureza serem “desiguais e móveis”, elas são inerentes a todos os tipos de relações humanas, são intrínsecas a elas. Tais relações se dão em todos os lugares onde o homem exerça qualquer atividade que envolva outros indivíduos. E essas relações também se dão de forma bilateral, ou seja, não está simplesmente nas mãos de um líder, ou do próprio Estado e “não há poder que se exerça sem uma série de miras e objetivos” (FOUCAULT, 2006, 105), ou seja, o poder está sempre objetivando algo ou alguma situação e, nesse sentido, os saberes servem como fonte para que o poder se afirme.

As relações de poder têm como característica principal um papel produtor de normas e tem um objeto definido: o corpo. Segundo Foucault nas linhas de Vigiar e Punir, o corpo foi descoberto como fonte de um poder inesgotável. É composto por docilidade e fragilidade, o que o torna uma massa pronta a ser manipulada e adestrada. Mas, ao contrário do que ocorria antes da modernidade, quando o corpo era alvo de suplícios e castigos, o alvo agora são as ações desse corpo e como ele está suscetível às ações de outros corpos. Ou seja, nessas relações de poder não há corpo submisso por violência, há corpo submisso por ação. E nessa teia de relações de poder, todos os corpos são ativos e passivos ao mesmo tempo. Aquele indivíduo que sofre uma ação, também pode aplicar ações. Daí surge a necessidade de “docilizar” e “adestrar” esses corpos, para que sejam fontes inesgotáveis de poder e de saber. E é a partir da escola e seus instrumentos disciplinadores que essa relação se estabelece. Fica bem claro essa disposição do poder na seguinte passagem de Foucault: “O poder se manifesta, completa seu ciclo, mantém sua unidade graças a esse jogo de pequenos fragmentos, separados uns dos outros, de um mesmo conjunto, de um único objeto, cuja configuração geral é a forma manifesta do poder” (FOUCAULT, 1999, p. 38).

A instituição escolar, assim como as outras instituições, não é dotada de poder, mas sua estrutura física é totalmente pensada para que o poder possa se efetivar. O poder transita em seus corredores, nas salas de aula, nos espaços de convivência (tanto de alunos, quanto de professores). Funciona através de um mecanismo de controle individual, com o fim de classificar e modificar comportamentos, na escola impera a vigilância para impetrar o comportamento disciplinado. Ao passo que o poder não está fixo em instituições, o saber se estabelece e se sustenta através destas. E a escola está circunscrita nessa situação. Ela é a primeira instituição, propriamente dita, por onde o indivíduo passa e, diga-se de passagem, passa muitos anos entre seus muros. Pois se o poder permeia toda a sociedade, há necessidade que os indivíduos que povoam esta sociedade sejam educados, disciplinados. Assim, podemos afirmar que apesar do poder não emanar das instituições, está presente nelas através da ação e, no caso específico da escola, através da ação que educadores têm para com os alunos e de toda uma hierarquia que se forma nessa instituição e que tomam forma em todas as direções, pois o aluno também exerce certo poder sobre toda a estrutura da instituição.

Como já foi dito, a escola é um espaço de vigilância e de disciplina e, para que essas funcionem, Foucault coloca que “a disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço.” (FOUCAULT, 1987, p.122) e descreve algumas técnicas dessa distribuição. Em uma delas retrata que as instituições disciplinares devem ter um caráter “heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo” (Vigiar e Punir, 123), ou seja, acessível àqueles a quem deve ser, mas fechado a todo o restante, e nessa circunscrição o modelo ideal de escola seria o internato. Mas diz que a “clausura” não é o único modo de se atingir a disciplina e coloca a ideia de distribuição dos corpos no espaço, o que chama de “quadriculamento” e o descreve da seguinte forma:

Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. Evitar as distribuições por grupos;... analisar as pluralidades confusas,... o espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir ... tática de antidisserção, de antivadiagem, de antiaglomeração. (FOUCAULT, 1997, 123)

Tal prática ainda é largamente utilizada para organização do espaço escolar. Pois ainda se parte do princípio que a localização adotada permite individualizar e classificar, tornando-se apropriada para desenvolver aptidões. Mas também devido ao fato de esse formato proporcionar um controle maior dos alunos, ou seja, é mais fácil administrá-los quando todos estão ao alcance dos olhos, distribuídos no espaço e não aglomerados. Ele ainda propõe que a organização dos alunos em fileiras pressupõe que a escola é “uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, hierarquizar, recompensar”, visto que os lugares nas filas também pressupõem a classificação desses alunos perante suas aptidões. Além de descrever que o tempo também está a favor da ação disciplinadora, pois todo o período que o aluno passa na escola é “quadriculado”, ou seja, para toda atividade a ser desenvolvida há um tempo específico, trata-se do “tempo disciplinar... organizando diversos estágios separados uns dos outros, determinando programas, qualificando os indivíduos” (FOUCAULT, 1987, p.135).

Toda essa disposição tem como alvo a disciplina. Essa visa a correção e transforma o corpo em objeto, um objeto do qual deve ser extraído sempre o máximo e, para tanto, o bom adestramento é indispensável, assim como a palavra é adestramento, podemos dizer que os indivíduos executam, sempre com muito orgulho pois não tem consciência de que foram “programados” para tal ação. Foucault descreve o poder disciplinar e o adestramento que dele provém da seguinte forma:

o poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. (FOUCAULT, 1987, 143)

Para que possa haver um bom adestramento se faz necessário que algumas “regras” sejam seguidas. Já foi mencionado que a escola é um espaço de vigilância e que na escola está estabelecida uma certa hierarquia de exercício do poder, pois bem, podemos aqui dizer que há na escola também uma “vigilância hierárquica”, e que ela está a serviço do bom adestramento, pois ocorre que quando um corpo é vigiado, ele se torna submisso e passível de domínio. Outro ponto importante é que com a vigilância podem-se localizar

os pontos frágeis e adestráveis do comportamento do indivíduo, partindo do pressuposto que todos devem atingir certa normalidade, tudo aquilo que estiver fora do que se considera normal, é penalizado. E nesse caso o arrependimento está em segundo plano, o que se espera é que o próprio indivíduo se polície para não incorrer novamente no erro, e geralmente já fica claro qual será a pena se voltar a cometer o mesmo erro. Geralmente uma humilhação para o aluno, atualmente o próprio fato da presença de seus pais na escola, ou da retirada do aluno da sala de aula acarretaria humilhação, uma certa violência. Mas a forma mais velada de atuação do poder disciplinar está no exame, prática habitual e obrigatória de toda escola, pois mesmo que um educador seja conceitualmente contra o exame, ele é obrigado a aplicá-lo. Pois, para as escolas, é a partir do resultado dos exames que se pode classificar os alunos, demonstrar suas fraquezas e estabelecer entre os próprios alunos uma hierarquia, seguindo a linha de raciocínio de Foucault, o exame é um “controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir” (FOUCAULT, 1987, p.154). Pensando dentro das instâncias escolares, é a partir do exame que irá se mensurar o quanto aquele aluno foi capaz de produzir, trazendo ao professor informações objetivas de seus alunos, mediante os padrões de uma psicologia que normaliza os indivíduos, fazendo de cada aluno um caso a ser analisado, e se necessário corrigido conforme os padrões adotados. Em algumas escolas, os alunos que demonstram algum tipo de insuficiência são classificados e, para justificar quaisquer atitudes que a escola venha a tomar (retenção, por exemplo), é elaborado um descritivo desse aluno apontando suas insuficiências. O exame, nas escolas, vai muito além das provas ou trabalhos, ele produz um tipo de verdade, produz um saber de como se deve proceder na escola, do tipo que padroniza a partir de uma “normalidade”, nesse sentido a escola torna-se um laboratório de análise comportamental e de elaboração de práticas pedagógicas,

O exame permite ao mestre, ao mesmo tempo em que transmite seus saber, levantar um campo de conhecimento sobre seus alunos... o exame é na escola uma verdadeira e constante troca de saberes: garante a passagem de conhecimento do mestre ao aluno, mas retira do aluno um saber destinado e reservado ao mestre. A escola torna-se o local de elaboração da pedagogia. (FOUCAULT, 1987, 155).

No entanto, o poder do exame é implícito, não é reconhecido como forma de dominação, ou de produção de saberes, mas sim como algo que faz parte da organização do espaço escolar, devido ao caráter indireto de sua atuação, ou nas palavras de Foucault:

Tradicionalmente, o poder é o que se vê, se mostra, se manifesta e, de maneira paradoxal, encontra o princípio de sua força no movimento com o qual é exibido... O poder disciplinar ao contrário, se exerce tornando-se invisível: em compensação impõe aos que submete um princípio de visibilidade obrigatória... É o fato de ser visto sem cessar, de sempre poder ser visto, mantém sujeito o indivíduo disciplinar. E o exame é a técnica pela qual o poder, em vez de emitir os sinais de ser o poderio, em vez de impor a sua marca aos seus súditos, capta-os num mecanismo de objetivação. (FOUCAULT, 1987, p.156)

As instituições escolares são responsáveis pela fabricação de corpos políticos, capazes de receber e imputar ações, corpos através dos quais o poder vai passar a transitar. Pois educados, esses corpos são capazes de produzir e repassar ideias e informações. São capazes de modificar, destruir, utilizar recursos. Sendo assim, podemos afirmar que o poder também se manifesta através da concretização do desejo que cada indivíduo tem de exercer a ação de poder sobre a ação de outro indivíduo utilizando-se dessas capacidades, aguçadas pelos saberes que adquiriu. A fim de uniformizar as atitudes desses indivíduos, uma fórmula disciplinar é repassada através da sociedade, e é na escola que se tem um primeiro contato com essa fórmula. Pelas atitudes do corpo, internalizar atitudes que devem se difundir na alma. Começa-se dividindo os corpos em partes menores e estas partes são submetidas a sujeições peculiares. O objetivo desse “esquartejamento” é o controle do todo por meio do controle das partes. É através do controle dos corpos é que será constituído o sistema do poder disciplinar, ou seja, a construção de um ‘micropoder’, começando pelo corpo como um objeto a ser manipulado.

Para que todo esse mecanismo funcione, se faz necessário que a estrutura da escola seja pensada para esse fim. Foucault vê na estrutura do

Panóptico de Bentham ¹“a figura arquitetural dessa composição”, para ele mais importante do que a estrutura em si, é o tipo de sociedade que constitui, já que a ideia que transmite é a de “permanente visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder” (FOUCAULT, 1987, p.166). Nesse caso não há individualização, mas uma distribuição eficaz, seja dos corpos a serem adestrados, seja da forma desse adestramento. Cria-se um aperfeiçoamento do “exercício do poder”, é a era da fabricação dos indivíduos, toda a sociedade esta envolvida por essa ideia panóptica, seu exercício transcende os muros das instituições, visto que os indivíduos são “fabricados” nelas com o fim declarado de atuar na sociedade. Segundo Foucault

vivemos em uma sociedade onde reina o panoptismo. O panoptismo é uma forma de poder que repousa não mais sobre um inquérito, mas sobre algo totalmente diferente, que eu chamaria de exame... no panoptismo vai se produzir algo totalmente diferente, não há mais inquérito, mas vigilância, exame... Vigilância permanente sobre os indivíduos por alguém que exerce sobre ele um poder – mestre escola, chefe de oficina, medico, psiquiatra, diretor de prisão – e que, enquanto exerce esse poder tem a possibilidade tanto de vigiar quanto de constituir, sobre aqueles que vigia, a respeito deles, um saber. (FOUCAULT, 1999, p.p. 87 e 88)

Todas essas formas de exame e sujeição vão se modernizando e algumas práticas punitivas dão lugar a práticas científicas, que não deixam de ter como viés certa normalidade, qualquer comportamento que não pode ser normalizado pela escola, seguirá para uma “ajuda” especializada. Psicólogo, terapeuta, ou qualquer que seja a especialidade para a qual o aluno seja encaminhado, não deixa de ter como pano de fundo a ideia de que há um padrão aceitável de comportamento e rendimento. Até mesmo a ideia de inclusão, que tanto permeia os discursos da pedagogia na atualidade, esta impregnada da ideia de normalidade, pois todo o discurso propõe que aquele aluno que não se enquadra necessita de uma inclusão para ser preparado para convivência em sociedade, porém as políticas de inclusão (pelo menos no

¹ Jeremy Bentham, filósofo e jurista inglês, concebeu um projeto arquitetônico como modelo ideal para prisões, no qual a principal característica era a vigilância permanente de todos os indivíduos que ocupassem tal local. Porém observou que o mesmo modelo também poderia ser aplicado em escolas, hospitais, ou em qualquer instituição na qual a vigilância seja necessária.

Estado do Paraná) cessam quando o aluno entra para o Ensino Médio. Mas esse assunto faria parte de outra investigação.

Em toda essa circunscrição escolar, qual é o papel da Filosofia? De que forma ela se inscreve no universo escolar tão impregnado de metodologias científicas? O ideal seria o de que a Filosofia vem proporcionar ao indivíduo a possibilidade de uma tomada de consciência, da possibilidade de indagações dos processos. Foucault afirma “que lá onde há poder há resistência”, sendo assim, se a resistência que se forma naturalmente estiver apoiada em pressupostos filosóficos, ou seja, em um discurso bem preparado, concatenado, embasado; tal resistência seria exercida de forma mais eficaz. Mas isso não iria de encontro aos interesses embutidos nessas instituições? Nesse caso a Filosofia não acaba tendo um papel totalmente figurativo?

3 O PERFIL DOS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO A PARTIR DA ÓTICA DE FOUCAULT.

Não causa certo estranhamento falar em adestramento, docilização, relações de poder e saber no ambiente escolar? Qual seria então o papel da educação? Há uma forma de educar sem adestrar? Os indivíduos serão capazes de transcender a essas relações de poder e a educação poderá agir no sentido contrário, o da liberdade dos corpos? Pois havendo esse adestramento, o pensar seria restrito, não seria algo que se pudesse fazer em qualquer lugar e a qualquer hora. E o papel da Filosofia não é exatamente instigar o pensamento concatenado, mas livre?

Foucault vai dizer que o sujeito é algo fabricado e aqui voltamos a mencionar, com vistas ao momento histórico que se está vivendo, com o intuito de atender às exigências do mercado. É através do sujeito que o poder se dá nas instituições. E se a sociedade não pede sujeitos livres, pensantes, atuantes, a escola não conseguirá formar, ou fabricar, esse perfil de sujeito.

Todo o discurso da educação aponta como característica principal do sujeito da educação a liberdade, a crítica. Mas é sabido daqueles que estão circunscritos na escola, que estas características não são impressas e nem valorizadas em nossos alunos, o ponto de partida para essa conclusão é que disciplinas como Filosofia e Sociologia conseguiram espaço novamente na grade curricular, mas sem um discurso proposto e estudado com rigor. Sem atender minimamente a formação do sujeito.

Qualquer formação que se almeje deve estar pressuposta em um discurso, e Foucault afirma que:

... todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo... uma ritualização da palavra... uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam... a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso. (FOUCAULT, 2004, p.44).

Ele também se refere ao papel que a Filosofia teria na educação, não menos enquanto disciplina e mais como uma racionalidade capaz de propor discursos. Afirmando que da forma como algumas temáticas estão dispostas,

só vem a reforçar as deficiências dos discursos da educação. Elas viriam a propor:

uma verdade ideal como lei do discurso e uma racionalidade imanente como princípio de seu desenvolvimento... reconduzindo uma ética do conhecimento que só promete a verdade ao próprio desejo de verdade e somente ao poder de pensá-la... por uma denegação que recai desta vez sobre a realidade específica do discurso em geral. (FOUCAULT, 2004, p.45 e 46).

Ou seja, o discurso através do qual o sujeito está sendo educado é deficiente, carece de legitimidade, até mesmo para o fim da produção, pois como Foucault coloca, o sujeito é sempre fabricado. E a escola está a serviço de fabricar um tipo bem particular de sujeito, que como já foi dito, é o sujeito que serve as expectativas mercadológicas.

Haverá alguma prática na qual o discurso de liberdade pudesse se efetivar? Algum discurso filosófico poderia ultrapassar as barreiras dessa dominação velada na qual estamos circunscritos e na qual nos enredamos cada vez mais? Teríamos condições de pensar fora das instituições e das formas burocratas de dominação científica? Isso haveria de implicar numa nova concepção de mundo, uma nova organização dos saberes, não é o caso de livrar-se totalmente das relações de poder, pois pensar em algo assim seria negar a própria natureza humana. Poderíamos pensar sim em uma educação libertadora, na qual a característica principal de seu discurso seria estimular o pensamento, desenvolver a intelectualidade, sem necessariamente deixar de lado as ciências, valorizar as disciplinas com características mais intelectuais

Já que, para Foucault, os sujeitos se constituem a partir de ações concretas e históricas, não existem a priori, é a partir de conjecturas históricas que esse sujeito se constitui e funciona. Desse modo, o sujeito da educação como está configurado atualmente é um sujeito constituído a partir de um discurso antagônico, pois a pedagogia propõe liberdade desse sujeito, mas de uma forma ainda mais sutil os determina por meio de padrões “psicologizados” e mercadológicos. E os sujeitos dessa educação que estamos propondo seria capaz de ter uma liberdade mais efetiva, já que também estaríamos propondo uma nova formulação histórica? O próprio Foucault propõe, em “A ordem do Discurso”, que a educação “segue, em sua distribuição, no que permite e no

que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais”. (FOUCAULT, 2004, p. 44). Ou seja, a educação funciona como dispositivo pelo qual o sujeito tem acesso ao saber e é o ponto de partida para quaisquer transformações que se almeje.

Todas as instituições são dotadas de poder e saber, mas é a partir da escola que se pode começar a pensar em gerar na sociedade um pensamento mais voltado para a obtenção de um sujeito detentor de liberdade. E voltamos a dizer aqui, que as disciplinas com caráter mais intelectual, ou mais especificamente a Filosofia, têm muito a acrescentar na formação desse novo tipo de sujeito. Pois a aplicação do pensamento sobre os discursos propostos pela educação é essencial para que possamos galgar um aprendizado inteligente, um sujeito capaz de pensar e decidir sobre si, sobre seu corpo, já que se tornará capaz de raciocinar, argumentar com propriedade, obtendo assim resultados satisfatórios no sentido de sua própria liberdade. Para tanto se põe necessário pensar em novas políticas do corpo, que façam com que o sujeito possa ter autonomia, que possa abrir caminho para a real formação do sujeito crítico, tão comentado na pedagogia atual, mas que com os mecanismos de controle e vigilância, acaba se extinguindo antes mesmo de germinar.

A maior problemática é justamente encontrar o caminho que leva a formação desse sujeito, pois implica em uma transformação total de toda a escola e de toda educação. Segundo o discurso vigente da pedagogia, a educação estaria formando esse sujeito livre, dotado de características capazes de modificar sua própria realidade e a de seus pares, mas esbarra novamente nesse ponto já que não existe por parte da educação uma efetiva indagação sobre esse sujeito, pois não há a criação de uma verdadeira possibilidade para que ele reconheça como fazendo parte de alguns conceitos predispostos, e esta dificuldade se dá pelo fato de que é justamente na escola que a maioria desses discursos de normalidade se afirmam.

O sujeito somente poderá ser livre quando for capaz de criticar e analisar sua realidade em seu cotidiano, “alcançável nas pequenas revoltas diárias, quando podemos pensar e criticar o nosso mundo”. (VEIGA-NETO, p 26). Ou seja, o sujeito não poderá alcançar uma liberdade total, somente “amostras” quando questionar sua realidade, discursos a ele impostos, formas de poder e

vigilância, ou quaisquer outras situações que esse sujeito for capaz de identificar como estranha a sua natureza. Tornamos-nos os sujeitos que somos a partir de influências sofridas ao longo de nossas vidas nas diversas instituições pelas quais passamos, e está aí, justamente, o ponto mais manipulável de nossa formação. Nesse sentido a educação pode ser transformadora, mesmo que em pequenas doses, fazendo-nos pensar e questionar como já proposto; ou manipulável exemplo que fica mais claro quando pensamos em instituições escolares que carregam caráter religioso. Ou seja, a educação pode ser capaz sim de transformar os sujeitos em “sujeitos críticos”, ou pode continuar no mesmo passo somente formando o sujeito que o capitalismo necessita.

Sendo assim fica bem claro que a atual situação da escola forma tão somente o sujeito capaz de atender as expectativas da sociedade, seja disciplinar ou de controle, sujeitos capazes de desempenhar tarefas necessárias justamente para a manutenção da Sociedade Moderna, que se afirma cada vez mais através de seus discursos muito transmitidos nas escolas.

No entanto foi identificado por Foucault dois significados para a palavra sujeito: “sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso a sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento” (FOUCAULT, 1995, p.235), e a partir da identificação dessas significações ele chega a algumas lutas de classes que se formaram a partir disso, entre elas as lutas contra opressão no trabalho, contra dominações em geral e contra os fantasmas criados pelo próprio sujeito em relação a si mesmo e acaba por afirmar que essas lutas tem ganhado cada vez mais importância entre os sujeitos. E se o sujeito é constituído pela história no momento em que ela esta acontecendo, e não algo que a história vem transformando, o sujeito da educação também é constituído dessa forma.

Essa escola, que vem produzindo os sujeitos atuantes na sociedade, é

a instituição moderna mais poderosa, ampla, disseminada e minuciosa a proceder uma íntima articulação entre o poder e o saber, de modo a fazer dos saberes a correia (ao mesmo tempo) transmissora e legitimadora dos poderes que estão ativos nas sociedades modernas e que instituíram e continuam instituindo o sujeito. (VEIGA-NETO, 2007, 114)

Ou seja, a função da escola, por detrás do discurso da pedagogia que é o de formação do sujeito crítico, não passa de um espelho de todas as outras formas de poder, uma multiplicadora desses discursos velados por uma “missão honrosa”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo tentou demonstrar a fragilidade do discurso da educação, que é o da formação de sujeitos livres, críticos, entre outros adjetivos. Através da obra de Foucault, tentou-se traçar justamente a impossibilidade dessa proposta na sociedade moderna. Esta exige a formação de sujeitos prontos a atender às suas necessidades.

Essa característica perpassa todas as etapas de formação do sujeito e é na escola que encontra sua maior aliada, pois esta se põe a serviço da sociedade. Na perspectiva de Foucault, na descrição da sociedade atual: “vivemos em uma sociedade onde reina o panoptismo... controle permanente do comportamento dos indivíduos” (FOUCAULT, 1999, p 87 e 89).

Todos os dispositivos e técnicas utilizadas para essa tal formação, vem ao encontro com essa ideia de formação institucionalizada e mercadológica, pois vê-se constantemente a negligência para com aquelas disciplinas de menor apelo científico. Começa-se pela quantidade de aulas semanais e se tem por fim o acervo da biblioteca, e vale colocar aqui, que algumas escolas da rede pública do Estado do Paraná, não possuem nem espaço físico para bibliotecas, prejudicando qualquer tipo de formação intelectual que se possa tentar alçar. Alguns responsáveis pelas escolas justificam que não existe a biblioteca, pois esta foi substituída pela sala de informática, pelo acesso a internet e que alunos suprem as necessidades de pesquisas bibliográficas com esse instrumento, e pontuamos aqui mais uma característica da atual configuração da educação.

Como resultado, temos cada vez mais alunos regulares, professores mal preparados, fazendo com que essa questão se torne um ciclo vicioso, do qual não conseguiremos nos livrar. Cabe àqueles que ainda têm o intento de fazer a educação ser algo renovador, que realmente tenha uma ação positiva para com o aluno, para que naqueles pequenos momentos de liberdade, possa pensar e criticar sua própria situação enquanto sujeito. Pois as relações de poder, sendo próprias da sociedade, nunca desaparecerão. O que nos cabe é tentar minimizar a sujeição causada por tais relações, justamente através da porta que nos foi entreaberta, ou seja, através da possibilidade do “ensino” de Filosofia. Entreaberta devido à estrutura, tanto física quanto organizacional, da

escola ainda remete a um ambiente de controle e vigilância. Um ambiente panóptico, que esta a todo o momento moldando os sujeitos e impregnando neles a ideia de que são cheios de liberdade e saberes, mas que saberes poderia proporcionar uma escola inscrita sob a perspectiva panóptica senão um saber fragmentado e totalmente desconectado de sua verdadeira razão de ser.

É esse saber fragmentado que impede a formação do sujeito, pois esse sujeito não é capaz de interpretar as informações de forma universal, pois a formação é direcionada para pontos específicos, esquecendo que as informações descontadas não podem fazer sentido. Estamos na era das especialidades, ou seja, cada sujeito tem sua especialidade, se aperfeiçoou em uma questão específica e todo o resto das informações ou todas as conexões desse saber foram ignoradas. Como um médico, que se especializa em rins, mas não tem nem ideia de como socorrer um paciente sofrendo um ataque cardíaco. É como se os saberes tivessem os membros amputados, tornando-se deficientes forçados. Essa deficiência esta espalhada por toda a educação, impedindo a formação do sujeito enquanto ser pensante, capaz de refletir sobre sua própria realidade.

Essa característica panóptica da sociedade moderna esta cada vez mais eficiente. Com as tecnologias o controle e a vigilância estão cada vez mais presentes em nosso dia a dia. Ninguém mais pode fazer nada sem ser visto, sem ser vigiado, controlado, medido e comparado. As tecnologias tornaram o controle e a vigilância tão mais presentes quanto mais eficientes, pois a todo o momento estamos a mercê de câmeras, celulares e internet. E assim passamos a internalizar o controle e a vigilância em nós mesmos, estamos sempre nos policiando, visto que poderá haver uma câmera em qualquer lugar. Certas características da sociedade mudaram, a forma de controle e vigilância se aprimorou, mas continuamos vivendo sob o julgo da disciplina, do controle e da vigilância panóptica.

E em todo esse contexto a Filosofia e sua proposta de tornar o sujeito capaz de refletir sobre sua própria realidade acabam tendo que transpor essas barreiras para conseguir, mesmo que somente em poucos momentos, fazer com que esse sujeito se reconheça enquanto detentor de uma falsa liberdade e assim podendo refletir sobre essa condição.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. ***Vigiar e punir: nascimento da prisão***. Petrópolis: Vozes, 1987.

——— ***História da sexualidade I: a vontade de saber***. 17ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

——— ***O sujeito e o poder***. In: Dreyfuss H, Rabinow P. Michel Foucault: uma trajetória filosófica - para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

——— ***A Verdade e as Formas Jurídicas***. Rio de Janeiro: Nau, 1999

——— ***A Ordem do Discurso***. 10ª Edição, São Paulo: Loyola, 2004

——— ***O poder Psiquiátrico***. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

VEIGA-NETO, Alfredo. ***Foucault & a Educação***. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.